

O espírito da Páscoa

Costuma-se dizer erroneamente que temos espírito. Nós não o temos, nós somos espíritos.

Das coisas, também costumamos dizer que elas têm espírito, isso é verdade. Os acontecimentos são cercados por uma energia própria que se impregna nos fatos e nos transmitem uma sensação boa ou ruim.

Ao termos conhecimento de um crime, não precisamos vê-lo para sentirmos repulsa e lástima. Nós entramos no “espírito” da tragédia e nos condoemos como se tivéssemos algo a ver com o acontecido.

Ao sabermos de uma conquista meritória, intelectual, esportiva ou científica, nos alegamos e compartilhamos a satisfação pelo alcançado. Entramos no “espírito” do feito e ficamos felizes por ter sido realizado.

Ao sabermos do nascimento de um bebê, ficamos alegres e compartilhamos com o espírito dos pais o evento. Ao sabermos da morte de uma pessoa, compartilhamos a tristeza dos que eram ligado à ela.

Temos um envolvimento energético e emocional com os acontecimentos e passamos a fazer parte deles, mesmo que não se relacionem diretamente conosco, não sejam provocados por nós ou mesmo se não nos dizem respeito diretamente.

Por isso, os noticiários nos provocam tanta curiosidade e afetam o nosso dia a dia, tornando-o mais ou menos agradável. Se entramos no “espírito” da notícia, podemos absorver sua energia e ficarmos tristes, alegres, enraivecidos, criando em torno de nós campos energéticos favoráveis ou desfavoráveis, conforme o cuidado que tivermos na escolha do que queremos ver, ouvir ou saber.

Se estivermos isolados, distantes das fontes de informações do que se passa no planeta, não compartilharemos das sensações e emoções disseminadas por todos os núcleos populacionais e vivenciadas pelos seus habitantes. Ficaremos isentos dessas movimentações energéticas, mas também longe das experiências que a vida em comunidade nos proporciona.

Então, quanto mais o planeta se torna uma “aldeia global”, onde todos sabem mais sobre o que acontece nos outros lugares, mais nos influenciamos mutuamente com relação aos hábitos, costumes, crenças e comportamentos característicos de cada região.

Um exemplo bem marcante é o chamado Dia das Bruxas (Halloween) nos Estados Unidos, desconhecido no Brasil até há bem pouco tempo e que vem se tornando habitual entre nós, com festas e comemorações próprias.

A data da Páscoa, que representa para os judeus a passagem de seu povo pelo Mar Vermelho durante a fuga do Egito, e, para os cristãos, a data da ressurreição de Jesus depois do Calvário, é também uma comemoração que se espalhou por diversos países, com seus usos próprios e individualizados.

Entre nós, há ovos de todos os modelos, coelhos de vários materiais e, principalmente, comida farta e bebidas à vontade.

No meio dessa materialidade, onde fica o espírito da festa? Como Jesus, o grande vencedor da morte física, é lembrado?

Como Jesus teria repartido o pão na chamada Santa Ceia (ou Última Ceia) antes do seu martírio e morte física, nada mais simbólico do que também repartirmos o pão, reunindo-nos em festa nessa data em sua homenagem.

No meio dessa materialidade, onde fica o espírito da festa? Como Jesus, o grande vencedor da morte física, é lembrado?

Nas comunidades que se reúnem para uma missa ou culto evangélico, sim, Jesus é lembrado. Mas, uma vez acabada a cerimônia, permanece o espírito de alegria e confraternização inspirado pela data?

É preciso preservar essa ideia, manter acesa a chama da vitória do espírito sobre a matéria, compreender que o exemplo de Jesus é para ser seguido e copiado, dando-nos a certeza de que a morte não existe: só existe a passagem desta vida para outra que tem tudo para ser melhor do que esta se soubermos preparar adequadamente o nosso retorno à Pátria Espiritual e o encontro com os que nos antecederam e, quem sabe, até o próprio Jesus.

Revisão: Sybele Farah